

SINAIS DE FUMO



ALEX COUTO

SUMA
de letras

A lista de pessoas a quem dedico este livro
é longa demais para conseguir deixá-la por completo
neste espaço e envereda por um tom super-humilde que não tem
absolutamente nada a ver com o *braggadocio* a que almejo
no desenrolar deste livro. Para lerem a longa lista de pessoas
a quem agradeço e o porquê de agradecer a cada um, podem
utilizar o QR code abaixo:



Intervenientes dignos de registo

- Charlie Brown** — Lorde da droga e CEO da Green
Igor — Traficante de droga e Diretor Operacional da Green
Alex — Designer Gráfica e Diretora Criativa da Green
Bunny — Bandido, Diretor Comercial da Green e Fundador da Snow
Beemer — BMW e30 de Alex e carro da Green
Agente Félix — Agente principal na PSP
Narciso — Agente na PSP
Zé Guerreiro — Bandido
Eddy — Rapper
Princesa Diana — Traficante e Musa de bairro
Pedro Santana — Comunista e Vereador
Dani — Traficante e Amuleto de Sorte
Napoleão Bonaparte — Proprietário
Fátima — Gerente do Café
Doutor Raposo — Contabilista e Advogado
Padre Raposo — Padre, Administrador e Investidor
Carlota Vasconcellos — Estagiária na Fumed
(Farmacologia de Utilização Medicinal) e Relações Públicas
Manuel Magalhães — Empresário e Vereador
David Bowie — ?
Catarina Estrela — Deputada
Betinho — Lorde da droga
A Velha — Lorde da droga
Verónica — Programadora e fundadora da La Crypta
Totó Vasconcellos — Investidor angelical
As Mães — Maria Isabel / Maria Cecília / Irina Maria
Cátia — Cadela do Charlie

PRÓLOGO

A pedra metálica gira dentro do isqueiro. Nesse stress abrasivo rasga uma faísca que atravessa e acende o ar numa chama laranja e azul onde ouvimos gás a ser gasto. Damos fogo à pedra de haxixe, deitada sobre a cama de tabaco ou colada na espuma babosa da ponta de um cigarro, damos tanto que o próprio castanho começa a ebulir e se torna terra, droga e bosta de burro em simultâneo, bolhas de lava castanha que esmagamos e barramos com o polegar, sempre sobre as fibras do tabaco, até que se desfaça cada caroço, a pasta uniforme apertada dentro de uma mortalha branca, numa forma grossa e quase cónica face ao filtro de cartão onde um «S» incide sempre ao centro. Depois de incinerar o papel que sobra do que já calcámos, deixamos queimar a ponta até o incandescente nos convidar ao primeiro bafo — que se sopra logo para fora porque sabe bué a tabaco e aí sim, entre a enorme névoa, um sopro branco de boa ganza, começa-se a bafar uma local, o valente tortulho. Agora somos nós a subir em direção às nuvens, como sinais de fumo.

1

Todos os rapazes do bairro que se safam na vida fazem-no sempre a dizer que eram do bairro. Quer seja para impressionar ou para provar um ponto de vista, a manobra é essa. E nós queremos ver os nossos amigos a triunfar, claro, desde que não seja mais do que nós. Só não curtimos é quando têm de bazar daqui da zona porque vem um terramoto como esse mesmo que vocês se lembram, mas fiquem para ver o filme.

Quem é pobre tem medo, e nós somos. Logo, quando o bairro abana, nós pensamos: porra, nunca dá para ter nada sob controlo, às vezes parece que sim, mas é melhor não confiar. Outras vezes está tudo tranquilo, depois vem uma despesa inesperada: é um mundo capitalista! Só não esperávamos uma ruína a céu aberto.

Foi esta tragédia que Charlie Brown viu além da sua tigela de cereais, tanto ao longo de anos, como nos últimos instantes. Zoom no gajo porque toda a situação é uma matéria de grande urgência para ele, rapaz essencial para o ecossistema aqui da zona. A terra tremeu e o bairro separou-se da cidade, como se fosse voar para longe.

A cadela acordou-o bem louca, primeiro ladrou, depois ganiu e guinchou, foi lambê-lo ao sofá ainda com o rabo entre as pernas. Desejou que fosse a namorada, mas era só ele e a cadela com aquela vista para o rio, a Princesa Diana não tinha aparecido de véspera. Tinha pensado que era ela a lambe-lhe a orelha, mas népia — acabou todo babado, mesmo estando na segura.

— Mas queres o quê, *Cátia*? — disse Charlie, a estranhar a fúria do animal. Nem a fome a deixava tão louca, tinha-lhe deixado ração na tigela, ele queria ficar na ronha onde estava cafofo demais.

Só quando ouviu um barulho gutural, soava a uma explosão, é que lá se levantou e foi espreitar o que era.

O Vitória não ganhava a taça há anos, não era 25 de Abril, nem 1 de Maio, e os morteiros, foguetes e fogos de artifício só apareciam nessas festas que puxavam a Carvalhesa. Quando ia descer as escadas já tinha Igor sentado no parapeito dele a fumar uma.

— Um gajo deita-se pedrado, acorda pedradíssimo — disse ele, em jeito de comentário à situação.

Como no segmento *No Comment*, da EuroNews, Charlie ficou debaixo da ombreira da porta em silêncio.

Tinha aprendido que era o sítio seguro em caso de sismo nos poucos anos de escola que frequentou, mas que muito prezava — segurou a cadela pela coleira até se acalmarem. Estava em forma o gajo, e era massudo, até. Casa bem pequena, só teve de esticar o braço esquerdo até ao balcão da cozinha para agarrar os cereais e ficou ali a comê-los enquanto tentava perceber o que se passava no bairro e no mundo. Podemos desejar-lhe boa sorte — nunca tinha percebido bem, mas nunca tinha desistido de tentar.

Viver na parte mais alta da cidade ajudava à vista, o próprio bairro estava quase na serra. Foi lá de cima que se apercebeu de um pequeno movimento dentro do plano aberto — teve a sensação clara de que havia pedras a cair em direção ao desfiladeiro que dava para a cidade polida, lá em baixo. Esfregou os olhos para ver se era tudo remelas, mas quando os abriu já faltavam dois bancos de jardim, os que costumavam estar voltados para o miradouro.

— Porra, será que isto também foi a Troika? Um gajo fecha a pestana, leva logo aquela banhada — disse Igor, no tom quezilento que lhe era habitual.

O que nem Igor, nem Charlie Brown sabiam, é que com os nossos bancos também tinha ido um negócio de anos. O mundo tem muitos atributos, mas estático não é, nem num bairro onde os rapazes ficam a molengar para sempre. As placas — tectónicas, neste caso — que o digam.

Charlie semicerrou os olhos e perguntou:

— Está aí uma névoa, companheiro? Ou é tudo nortada? — referindo-se ao nevoeiro que parecia estar no ar, mas o amigo estava a fazer festas à cadela dele, que aproveitava a ressaca do abanão para receber mimos.

— Quem tem cara de *Cátia*, quem é? — disse Igor, a fazer-lhe festas na barriga e no pescoço que a obrigavam a fechar os olhos e a abanar-se de costas em deleite total.

*

«O Viso é o Paraíso» estava escrito na esquina dos prédios brancos, numa parede que descascava e pela qual tínhamos de passar quer fôssemos para a escola, comprar frango assado ou peixe para grelhar. Era passagem obrigatória se fôssemos jogar futebol no pelado. Seria um sítio esperto para colocar publicidade ou algo de propaganda política, porque se impunha sobre nós do alto da sua verticalidade.

Era impossível escapar a essa esquina, era grande demais para não fazer sombra.

Só que a decoração era um êxito local, uma arte urbana com a sugestão de que matar uma etnia inteira era «preciso» — um detalhe que a tornou divertida para os vizinhos e uma caricatura do degrado do bairro para quem era de fora. Essencial para percebermos o colorido local era a primeira rima, a segunda frase: «Onde Ninguém Tem Juízo.»

Era uma hera numa era e não era só isso, era pastel, era repetitivo.

Ninguém passava ali por acaso, ninguém ia ao bairro fazer turismo. Era por isso mesmo que achávamos que era nosso, de todos os que cá vivíamos: a frase que se lia como um anúncio, o autocarro sem ar condicionado, o campo da bola a piscar o olho ao baldio, a peixeirada habitual — no sentido de gritaria e de peixe assado

em simultâneo. As pessoas juravam ficar aqui para sempre, diziam que isto era o melhor do mundo (só não conheciam mais nada).

Podia ser um fenómeno magnético ou mero amor à camisola, mas devia ser uma consequência de fatores estatísticos como o Halloween das habilitações literárias, desemprego crónico e um poder de compra inexistente. Ficávamos à espera de alguma mudança nas vistas imóveis durante demasiado tempo. Ríamos alto do nosso destino, fumávamos outra. Era neste bairro que os pés se acorrentavam, percebíamos logo que a distância até ao céu não dependia assim tanto da nossa própria altura, nem de estarmos com a cabeça mais próxima das nuvens do que o resto da cidade.

A vista para o rio era imensa num bairro tão panorâmico, logo um que parecia ter sido esculpido a partir da própria serra. Naqueles dias — crise económica, explosões cósmicas, chegada da Troika — a ravina do bairro estava cada vez mais pitoresca, cada vez maior.

A riqueza podia não ter limites, mas a pobreza também não. Aprendíamos rápido como os pobres podem sempre ficar mais pobres. Se calhar nem era do terramoto, se calhar o bairro já era um pedaço arrancado e afastado do resto da cidade, na sua órbita fumarenta há algumas décadas.

Visto de lá de fora ou de lá de baixo, devia parecer que flutuava — seria o seu combustível almas penadas?

*

A manhã surgia dourada, aquela névoa devia ser a única coisa fina por aqui, cristalizava a aurora.

Quando dobraram do Canto das Sereias para a quinta avenida do bairro, Charlie e Igor viram-nos logo ali a todos, de volta do acidente geológico, pessoal do fumo e não só, silhuetas onde o sol da manhã estendia a sombra, um grande grupo composto por rapaziada de boné, miúdas e mulheres, cotas e velhos a montes — todos a olharem para baixo, dando-se conta de que não havia nada

a separá-los do precipício. Da algazarra geral sobressaíam certas vozes em crescendo.

— Boy, meu boy, eu 'tou-te a jurar que foi uma explosão... ainda não ouviste? Não tremeu nada, não pode ter sido um terramoto se a terra não tremeu, né? That's facts! — dizia um dos rapazes, pela bazófia, devia ser o Eddy.

— Conspirações? A esta hora? — meteu-se o Avô ao barulho, de mãos atrás das costas, como um mirone das obras. — Aprendam, que eu não duro sempre: Nossa Senhora de Fátima foi a maior invenção do Salazar...

— Ó Eddy, cá para mim a explosão foi alguém a rebentar-te o cu! — disse Igor, a fazer-se chegar com tanta agressividade que fez toda a gente rir. O outro ficou tão atarantado que até recuou para a lógica, em vez de ir para a pancadaria ou, pelo menos, para a ameaça dela:

— Então, e isso significa que seja um terramoto? E não havia réplicas? E não aparecia das notícias? — disse Eddy.

— Olha-me este burro, mas alguma vez este bairro apareceu *nas* notícias? — respondeu Igor, com um *tsss* feito com a língua e um olhar que ficava a fitar até bem depois de se tornar incómodo.

— Olha lá, isto devia era aparecer a ambulância de vez que o rapaz já está ali estirado há mais de meia hora... — comentou Maria Cecília, a mãe do Igor.

Ninguém se lembrou de os pôr a par quando chegaram — talvez com receio de um dos característicos ataques de raiva de Charlie —, mas pelos vistos o Marroquino estava junto às sebes do bairro a fumar a primeira do dia quando começou a ruir o chão. Dá para imaginar o desfecho?

Foi em queda livre aqueles metros todos, é melhor nem pintar muito a imagem que qualquer pessoa que visse ia ficar impressionada. Talvez não ficasse traumatizada, tal era a distância, mas certamente ia lembrar-se do borrão escarlate que ficou na pedreira.

— Andaram para aí a furar a serra... como a fábrica onde a senhora trabalha faz! Se calhar, ia ter consequências para todos os

que vivem aqui ao pé — respondeu Maria Isabel, uma vizinha bem em forma, na direção de Maria Cecília. — Ou acha que isto não anda tudo ligado?

— Ah, quer-me dizer que isto caiu porque estamos a fazer furos a cinquenta quilómetros daqui, francamente...

— E o Humberto Delgado foi assassinado pela PIDE... — retomou o Avô lá atrás, enquanto os rapazes gesticulavam para ele se calar, à espera do que diria Charlie.

— Eu sei que ninguém me perguntou, mas cá para mim a culpa é toda da Troika. Não é sempre tudo culpa deles desde que chegaram? Troika isto nos rendimentos, Troika aquilo nos impostos? — disse Napoleão, proprietário do café do bairro, com uma tentativa de piada.

Charlie ouviu e não disse nada. Levantou a mão para se calarem e foi espreitar o desfileiro em silêncio. Percebeu-se a solenidade, o receio da violência que podia encontrar. Procurou o Marroquino, correu o olhar pelo entulho, mas não o viu. Havia cinzento martelado e um tom de terra laranja, outras vezes cobre. O nevoeiro não ajudava a discernir e ainda dava aquele arrepio que ou era frio ou era medo. Só percebiam que o passeio à frente dos bancos estava estalado, mas, de tão certinho, parecia que tinha caído pelo tracejado. Os rapazes, agora já quase pendurados para espreitarem os destroços, continuavam a ver apenas cascalho entre meadas de nuvem, no que outrora tinha sido um ajardinado e depois o ajardinado possível face ao desleixe com que era tratado pela Junta e pela Câmara. Tiveram de alimentar as galinhas, pedir a ajuda do público:

— Ó Bunny, onde é que tu andas? — disse Charlie, a olhar para a esquerda e para a direita, mas ele apareceu a correr vindo de trás e já vinha a tapar o riso na boca, quando se aproximou e disse:

— O Zé Guerreiro estava com ele no momento. Descobri agora. Te juro...

Charlie e Igor trocaram um olhar de espanto face à facilidade com que ele se chibou, mas não comentaram. Nem sabemos se

conseguiam porque o Bunny ficou histérico, mãos na cabeça e tudo: «Ai, rapazes, o tropa desapareceu, carai! Já deve ter rebolado até ao rio!»

Ficou lá agachado no chão com os amortecedores dos ténis a fazerem-no flutuar sobre a ravina e sobre o desaparecimento do sócio, tão próximo que Charlie o puxou para dentro. Aquela estadia ali na berma devia ser um perigo para todos, mas nem isso evitou que estivessem rodeados de vizinhos que cuspiam bitaites sobre o sucedido, até com sugestões de ângulos criminosos.

Charlie, talvez algo enfatuado com a ideia de ter sido o Zé Guerreiro o culpado, decidiu que devia procurá-lo para obter pistas e foi dar com ele na esplanada do Napoleão, como se fosse outra manhã qualquer.

Antes de mais, importa saber que no nosso bairro há mesmo uma barra de respeito como havia no *San Andreas*, cresce consoante somos mauzões. Este confronto punha no ringue dois bandidos que tinham cultivado as barras de respeito deles. Para complicar a situação, a namorada de Charlie era filha do Zé G.

— Ó Zé, então tu 'tás lá quando o Marroques cai da ravina e não és capaz de dizer nada? — perguntou Charlie, bem tranquilo.

— Olha, o meu genro a exigir-me explicações... estava lá e já contei a história aqui à malta e tudo — respondeu Zé, tão seguro de si que roçava a arrogância.

— E que explicações foram essas, então? Porque é que eu tenho de estar a ouvir versões ali do outro lado da rua que te metem no momento da ação? — disse Charlie, já mais aceso.

— Olha, Carlos, tu podes acusar-me de muita coisa, mas de ser mentiroso é que tu não me acusas ou eu dou-te já dois soquetes que te fodo — disse Zé Guerreiro com um esticar do braço tão súbito que pareceu ponta e mola.

Charlie Brown Jr. percebeu, pelo escalar rápido de emoções e de gestos, que era muito provável que isto fosse dar fight. Fechou os punhos com toda a força, com o cérebro já a processar milhões

de combinações ofensivas diferentes, assim como as suas infinitas conjugações, quando se lembrou do seu papel de líder moral daquela esquina. Falou alto:

— Primeiro, um gajo tem valores morais. Depois, em caso de fight, eu matava-te, nem brincas. Mas podes chibar-te, se faz favor, do que é que se passou? Companheiro?

Mas o Zé não respondeu logo e o nevoeiro pareceu adensar.

Esse instante de tensão foi um buraco negro, mergulhámos nele tão atrofiados que deu tempo para que do campo de futebol aparecessem uns quantos rapazes equipados com as cores do clube que falia. A chave rodava na fechadura, os clientes eram corridos e as correntes postas na porta do café pelo Napoleão. A Fátima, mulher do Zé, pedia-lhe, suplicava-lhe, puxava-lhe o braço para que não se perdessem duas vidas num dia só; Igor fazia piadas acerca do Ramadão ter chegado mais cedo e o Main Event também. O Nacho já estava de mãos à frente da cara para não ver o golpe final, quer fosse ao tio ou do tio. Bunny e os putos do bairro filmavam a cena com os telemóveis até alguém lhes dar uma palmada e se estilhaçarem contra o alcatrão ou até serem puxados de cima e levarem a banhada. Algumas das miúdas empoleiravam-se nos ombros dos namorados para perceberem se alguém dava a primeira chapada.

Sempre que Charlie raciocinava em vez de atacar, sentia que se aperfeiçoava, que era parte do progresso que gostaria de ver no bairro. O circo habitual que se formava quando o assunto era ele andar à pancada, impedia Charlie Brown de se sentir melhor mesmo quando ganhava o combate (isso acontecia sempre).

Sentiu a mudança na atmosfera, não fez nada. Ficou calado, a olhar para o Zé com aquela intensidade que adoramos nele, demasiado tranquilo para não triunfar, caso a situação descambasse num combate corpo a corpo. Essa calma desmantelou o adversário e mereceu esta resposta do Zé, em troca:

— Não és só tu que tens negócio com ele, Carlos... Estávamos a falar sobre isso quando se deu o *bOOOOOm*, eu ainda tenho

o ouvido a zumbir e tudo... Se falhei foi porque fui um covarde e quando se deu aquilo comecei logo a correr para as arcadas da praça, antes que escorregasse por ali abaixo! — disse Zé Guerreiro, em jeito de confissão. — Só me lembrei dele quando já cá estava deste lado, e quando fui espreitar lá estava ele, parecia um boneco de trapos. Depois não me digam que não foi um terramoto, foi, foi. Eu ouvi o *boom* e eu ouvi o *bam!* Foi assim que eu contei ou não? — continuou, a pedir a confirmação de quem estava na esplanada.

Charlie ainda estava a tentar ligar os pontos, o Zé e o Marroquino também tinham negócios juntos. Nunca se chibavam, só tínhamos percebido que devia ser para a Câmara porque tiravam selfies com os fatos de macaco emprestados com o logótipo e nós estávamos sempre atentos a tudo. A malta também não pergunta tanto quando já sabe que não vai ter resposta.

— Foste tu que o empurraste, caralho, não mintas para te safares, filho da puta! — disse um dos rapazes, nem percebemos qual, mas mesmo quando uma mão saiu da multidão para bater no Zé, nem lhe conseguiu dar um calduço, pois ele desviou-se logo, agarrou a mão e ainda sacou da faca para espetar, não acertou e, num abanar frenético, deu em fuga.

Foi nesse momento que foram interrompidos, as notificações estão-se a borrfifar para o subtexto.

Quem é que acredita nisto, meu sangue? Tu eras imortal, irmão, o salvador da nossa zona, não sei como descrever este sentimento podre de agora. Acima de tudo, agradeço termos tido o nosso caminho cruzado. As memórias que eu guardo dos nossos bons momentos, isso é para sempre, meu peixe, meu guelra, meu Fish Fish, como tu estavas sempre a dizer quando ainda não te safavas bem no português. Aprendeste rápido, eras esperto em tudo. Quando tu chegaste de Casablanca, todo pausado com o fato de treino da Nike, cabelo rapado e barba grande, fechaste mesmo os melhores canhões. Nós nunca tínhamos visto tabaco Pueblo, nem tantas placas de aquilo que tu sabes.

Sem falar dos Air Max da bagageira. Dói muito saber que não há próximo programa, que aquela fezada foi mesmo a última.

Descansa em Paz

#ReligiãoDiferente #OMesmoDeus

Nós crescemos com a internet e na internet. Bairro ou não, será que hoje em dia somos mais digitais que portugueses? Mais avatar que vizinho? Mais mudança que nunca? É verdade, isto torna-nos diferentes dos cotas, mas aproxima-nos uns dos outros. A diferença está no nosso ponto de vista — nós não surfamos a internet, a internet não é só um sítio onde vamos ou um espaço virtual, é isso tudo em simultâneo.

A internet cobre o nosso mundo real como uma presença invisível, mas constante — não é uma outra realidade, é parte da nossa. Momentos reais ganham um espelho digital. Se fôssemos contar a nossa experiência a um analógico, podíamos dizer que existe uma vertente natural de internet em cada uma das experiências que nos moldou. Nós fizemos amigos e inimigos online, preparámos as nossas cábulas, comprámos chapéus e óculos de sol, planeámos festas e fizemos negócios.

OK, também perdemos a atenção no meio da surfada, mas apaixonámo-nos, tivemos ciúmes e só não acabámos online por respeito às pequenas, claro — o ghosting não bate quando somos todos vizinhos, por aqui o único fantasma é o do passado.

Tivemos saudades online, dissemos adeus a alguém num memorial que se tornou digital. Nem tudo era tão trágico, só fizemos as perguntas mais íntimas das nossas vidas e, claro, partilhámos quem éramos ou queríamos ser, completamente despidos, de forma mais ou menos sincera, dependendo da luz e das sombras.

Aqui na zona isso implicou Fotoaki, coros por SMS escritos com X e K, e muitas fotos a pausar — primeiro de bicicleta, depois de mota, por fim de carro e de genitais ao léu. Passámos tantas mocas

online que pareceu que a internet era a própria pedra. Com o passar dos anos, deixámos de diferenciar sentimentos reais de sentimentos digitais. Paixões e ataques de raiva num espelho. A transformação aconteceu diante dos nossos olhos: connosco e através de nós.

As marés de memes e de criadores de conteúdos, nós naufragámos no epicentro da explosão digital e parecia ser um buraco negro.

Nós — a comunicarmos juntos de uma forma que nos é natural, igualmente dada à gritaria, de forma que nos possamos rir todos juntos. A internet era a nossa democracia.

*

Igor pôs *Sad Girl* de Lana del Rey a tocar, o que despertou um esgar de espanto de Charlie, mais habituado às kizombas vintage. Aproveitou para se queixar:

— O que é isso, primo, não há kizomba aí?

— Mano, a música chama-se *Não Me Toca* e o pessoal ainda continua a tocar. Foda-se, que saudades, caralho... De quando a kizomba era só para quem usava Air Max e metia os dedos no meio das pernas delas logo na primeira curte. Agora até a RFM passa kizomba, meu... *Oceano Pacífico*, o caralho, aquilo 'tá bem agreste... — disse Igor, a direcionar a sua raiva para o sucesso comercial da kizomba.

— Então, e vamos ouvir merdas hipsters... — disse Charlie, com desdém. — Estás no Spotify da Alex?

— Agora estou sempre, né? À pala, sem anúncios... E olha que este som para mim tem aquela tristeza de uma boa kizomba...

Não somos os únicos a olhar o céu, quando estamos soterrados no bairro temos de olhar para cima. Descobrimos que além dos diversos tons de breu, também existiam algumas estrelinhas esperançosas. O problema é que a malta só conseguia ver o fumo a subir-lhe para a vista e mesmo quando fechava os olhos com toda a rapidez, ficava difícil evitar uma certa vermelhidão, um pouco de

tosse, um lacrimejar que parecia exclusivo a todos os habitantes deste bairro. Estávamos no lodo há tanto tempo que já parecia a praia — o ser humano habitua-se a tudo, até à merda. A fumar uma nem custava tanto.

Ainda assim, estava grave. Tinham passado o resto do dia à espera da ambulância, a ajuda demorava sempre mais tempo a chegar ao bairro. Quando lá apareceu, os cotas do INEM também ficaram a olhar para as ruínas sem ver ninguém. O telefone não parava de tocar, então bazaram só.

Deviam estar a sofrer com todos os cortes que a depressão económica tinha trazido para a área da saúde, mais sofrido estava o Charlie que não precisava de ter Facebook para apanhar no ar que já toda a gente tinha sentenciado o Marroquino à morte nas redes sociais. Charlie precisava de um abraço e nem sabia, mas as palmas das que Igor lhe deu nas costas também foram uma espécie de afeto.

Era ele que agora — provavelmente inspirado pela moca — reparava em como o fumo desenhava cirros cinzentos que, em delicada metamorfose, se tornavam parte do nevoeiro que os envolvia todos os dias, em tantas destas noites de fim de verão.

— A mi 'tá sem planos, meu black. A mi 'tá sem fornecedor... — disse Charlie, com um soco no peito de Igor, que, por esconder uma ganza na mão fechada, mal se conseguiu defender, com medo de a largar.

— Não fales crioulo, mano. Isso fica sempre fatela nos brancos... Não é verdade? — disse Igor, sem se rir. — Sempre que um gajo branco fala crioulo para parecer fixe, morre um menino à fome em África... É o que dizem... — Mas quando viu que a sua piada mórbida não resultou com Charlie, acrescentou: — Um gajo está aqui para ti, tenta é não me bater, ya?

Do miradouro parecia vir uma leve neblina, assim como a certeza de que não estávamos a compreender bem a dica que aí vinha — era sempre assim, sempre os últimos a saber, sempre à nora e agora toma: uma catástrofe que leva o fornecedor da droga.

— Isso é *Yellow* dos Coldplay? — perguntou Charlie, «até eu conheço isso», mas Igor respondeu já a cantar por cima do vocalista com o punho fechado junto ao coração.

Desabafou para o nevoeiro, mas as palavras pareciam
de s a p a r e c

2

Trezentos e tal dias por ano, a luz dourada da manhã banhava o bairro. A sério, nós conseguimos ser mais iluminados que Espanha e Itália — até que a Grécia, para compensar terem ficado com o Euro 2004. Também pagaram bem caro aos deuses, a Troika deles parecia abocanhar ainda mais que a nossa. Por aqui o pessoal também era mais calmo, só houve aquela manifestação da geração enrascada, será que iam acontecer mais?

Tínhamos o nosso lugar ao sol e isso dava para todos os portugueses. Só que esta neblina fina, suspensa no ar, lembrava-nos de que estávamos num ambiente de onde era difícil sair e dava dimensão e alma ao bairro, aquela que sentimos face ao esplendor atmosférico que as paisagens mais belas nos dão.

Os prédios envoltos na névoa eram todos minimalistas, réplicas uns dos outros. Brancos, cubos genéricos, multiplicados ao longo do acidente geográfico — mas havia outro detalhe caricato a garantir coerência arquitetónica. Nenhum dos prédios tinha porta.

Foi isso que originou a alcunha de PSP — uma sigla partilhada com as forças policiais, mas que aqui significava Prédios Sem Porta. A polícia aqui era «chouriços» ou os «porcos de azul». Logo acima das entradas cavernosas sucedia-se uma série de rasgos paralelos no betão, autênticas guelras, que permitiam que entrasse luz durante o dia. Podia ser um momento de génio conceptual face a um bairro de pescadores, mas parecia apenas uma solução de iluminação barata que também deixava a chuva entrar.

Cada casa tinha direito a uma pequena varanda, umas mais botânicas que outras, dependendo da queda para a jardinagem dos seus inquilinos. Tinham vista para a cidade ou para o rio, ou ambas em

simultâneo. Este acidente morfológico, uma encosta cénica que antecedia os verdes luxuriantes da serra, era pano de fundo para os vultos de tantas pessoas que aqui moravam e se arrastavam no movimento de todos os dias — intermitente, infinito. Afinal, também tinham vista para todas as vidas que se desenrolavam, logo aqui ao lado.

E para a história, claro.

*

Sábado, amarelo. Alguns de nós a devorar entremeadas acabadas de grelhar, outros encostados à praça, às grades do mercado. O berreiro das mães e dos pais e dos filhos. Tudo sentado nas cadeiras ruças do café do Napoleão, lixa a arranhar nos fatos de treino, enquanto fumavam a vida até queimarem o lábio no filtro de papel.

Havia quem não saísse da mesa da batota, quem só quisesse jogar à bola, um ou outro que se misturava com o grupo de miúdos que fazia ali as suas brincadeiras e ainda havia alguns que conversavam ao balcão do café sobre o jogo do Vitória do dia anterior ou sobre como um bocado do bairro tinha rebolado até à cidade — juro sem valer figas.

Miúdas e mulheres ficavam pelo café ou pela esplanada, não se aproximavam do póquer, da sueca, nem da batota, deixavam-se impressionar pelas cavaladas de quem fazia a rua de mota e faziam um esforço para não serem vistas a fumar grandes canhões em público se não queriam ter fama de drogadas — preferiam Chesterfield, Camel de mentol ou cigarros de enrolar. Rodavam-se uns sons em mp3, cantarolava-se um pouco, fora de tom.

Igor chegava agora com Charlie, ainda a tentar animá-lo com massagens a furar os trapézios e o pescoço. Não tinha perdido nenhum companheiro de negócio, mas gostava do Marroquino e sabia que ele era um grande amigo de Charlie. Como toda a gente no bairro, Igor também os admirava — pela forma como tinham começado a carreira no crime, por serem bacanos e oferecerem

umas barras aqui ou ali e, claro, por nunca terem deixado o bairro passar sem fumo. Até agora. Continuavam sem saber os verdadeiros motivos do que se tinha passado. Isso não só irritava Charlie, como permitia que toda a gente tivesse a sua teoria.

Igor viu Charlie afastar-se para fumar junto ao precipício e foi lá sentar-se com as pernas a abanar. Era algo assustador, o abismo ali aos pés deles, mas também dava uma boa fotografia de aventura para o seu recém-criado Instagram. Enquanto escolhia o melhor ângulo para a foto, reparou numa ratazana que atravessava os escombros. Com demasiada solenidade face à cena que enfrentava, guardou o telemóvel na bolsa e tirou o incenso mágico que lá tinha, acendeu-o e começou a fazer uma. O que sentiu quando viu aquele animal de esgoto, inspirou o seguinte discurso:

— Nós somos ratos, mano. A pura da rataria. Meteram-nos aqui do esgoto e quê... Ratos que se fodam — e olhou para o amigo enquanto apresentava esta sua teoria, embalado por aquele momento entre rapazes, pela hipótese de falar do coração, de dizer o que sentia. Isso sabe bem a qualquer um de nós, bandidos incluídos. Só que por muito cheirosas que fossem as suas intenções, algo continuava a tresandar por ali. Um dealer e um dealer de dealers, ambos sem fornecedor.

— Que é isso, boy, que nós somos ratos já um gajo sabe. Há que anos... — arrumou-o logo Charlie, sem olhar para ele, enfrentando a cidade a partir da plataforma flutuante que costumava ser um miradouro.

— Sim, boy, mas tu não estás a ver o que eu vi — disse Igor, referindo-se à ratazana que tinha passado, mas sem o revelar para efeito dramático. — Nós somos ratos. Somos do esgoto. E isso faz-nos saber coisas que mais ninguém sabe. Estás a ver, boy? — insistiu, agora aborrecido com a reticência do amigo em perceber o seu ponto de vista. — Nós somos do submundo, you know? Nha, mano?

— Pois, pá. E para que é que isso nos serve? Pa' enrolar melhor? Fugir da bófia? De mota? *Brraam, brraam?* Para ir ao polvo? Ficar

à cuca? — disse Charlie, a provar um ponto de vista com tanta facilidade que nem descolou a beata do lábio para finalizar com: — Só merda.

— Aí é que tu te enganas, meu amigo — respondeu Igor, rápido. — Porque não é só enrolar, mano, é enrolar os outros também... Nós pensamos como os ratos, sabemos como é que os ratos funcionam... estamos habituados ao lodo e quê... — continuou Igor e piscou-lhe o olho, seguro da sua teoria e aonde queria chegar.

Charlie tinha deixado a dele apagar, algo em que Igor reparou com o seu olhar furtivo. Ficou satisfeito por estar a enrolar a sua privada em vez de esperar pela beata de Charlie.

— Companheiro, isso serve de alguma coisa? Aqui até podias juntar um grupo de amigos que são bons no que fazem, que iam arranjar forma de os fazer descarrilar — disse Charlie, com uma expressão vazia, a olhar horizonte adiante.

— Foda-se, Charlie Brown! Um gajo como tu a pensar à mete-nojo, 'tás a ficar retardado como os cotas do bairro! — respondeu Igor, revoltadíssimo. — Olha a Alex, foi nessa conversa ela? Ah, pois. Nós somos bandidos, boy. Somos ratos e temos de pegar nisto para fazer o nosso negócio. Eu quero uma fezada qualquer, começo onde tiver de começar. Só não curtia que tivéssemos perdido um sócio e ficasse tudo na mesma bosta. Siga fazer isto em condições, boy?

Apesar de não parecer, talvez tenha sido aí que começou o novo capítulo.

Era só isto que era preciso dizer para acordar Charlie. Afinal, isto era o grande sonho dele, o desejo de sucesso, de ser alguém mesmo sendo chungá. É por situações como esta que se aconselha tantas vezes a que se respire fundo em casos de ansiedade. Como é que Charlie nunca tinha sido confrontado com um plano de vida maior do que ser chefe num bairro onde conhecia todos os vizinhos, fumadores ou não?

Olhou para depois de Tróia e viu como o nevoeiro parecia dar lugar a um dia lindo de sol, num clichê ridículo. Pensou que devia ser da pedra, mas depois de se acalmar, e dos seus olhos castanhos terem deixado de refletir as nuvens que pairavam no céu, concordou com o que Igor disse.

— Isso é que eu curtia, mano. Empreendedorismo — disse Charlie.

— Ya, mano, só que à nossa maneira. Empreendedorismo de ratos! — respondeu Igor, mais animado.

Voltaram a fumar juntos, Charlie porque na fúria voltou a acender e Igor porque já tinha feito a dele. Estavam de costas para o resto do bairro, mas dava para perceber que tinham trocado um sorriso cúmplice. Essas merdas emocionais sentem-se, não é por acaso que chamamos fraco ao começo do amor. Deviam ter passado ali o dia porque o laranja do pôr do sol já os recortava — o cabelo curto de Charlie, a afro de Igor.

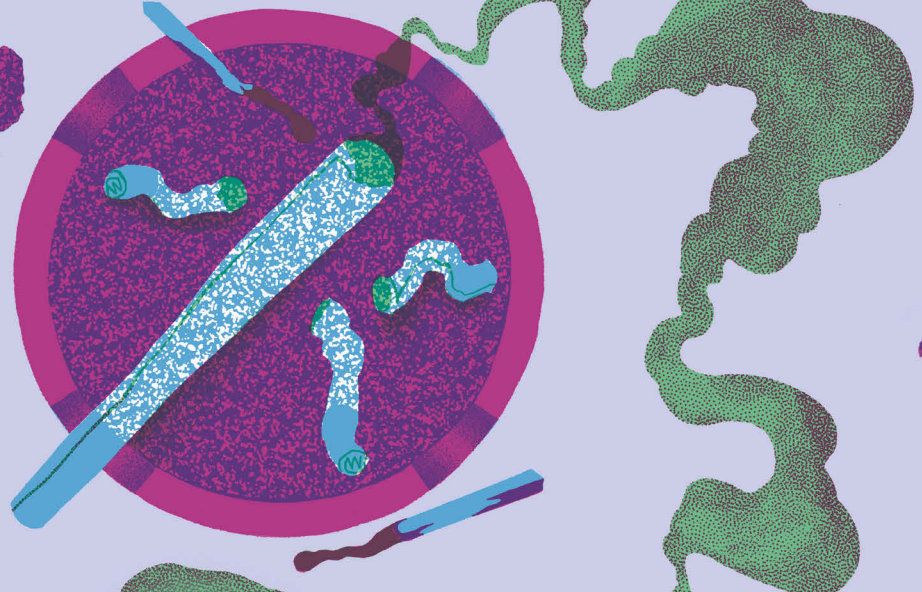
Pela primeira vez desde que se conheceram, ali no bairro, já ia para mais de vinte anos, sentiam que tinham um plano mais importante do que ir às piscinas ou à praia só para fazer o dia, algo muito mais arriscado e ambicioso do que ir buscar vários quilos ao Marroquino ou até mesmo ir lá com ele buscá-los. O que sentiam era fogo de artifício. Um milagre maior do que terem acabado a catequese. Dois rapazes ali do bairro iam fazer empreendedorismo e um negócio que só eles é que sabiam fazer assim.

Qual, mesmo?

— E que negócio é que vamos fazer, sócio? — perguntou Igor, com vontade de levar a clarividência ainda mais longe.

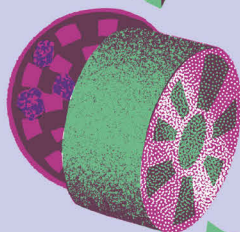
— Só sei vender fumo, mano... Um gajo 'tá nisto desde o dia em que os meus cotas... — disse Charlie enquanto se afundava no que parecia ser um buraco negro daqueles que a NASA não se cansa de estudar.

— Ao tempo, mano, pois com certeza — interrompeu-o Igor, num surto de bacanidão.



«Ná, tu não tens noção. Quando o bairro tremeu e o fumo acabou, o pessoal do Canto das Sereias ficou bem à toa. Só por causa das tosses, o Charlie Brown começou a fazer as cenas mais a sério. O que aconteceu depois é que foi bem inesperado, ya.»


Estamos em plena crise da Troika quando um dos bairros mais problemáticos de Setúbal se vê sem fornecimento de cannabis e derivados. Charlie Brown acaba por assumir a responsabilidade de resolver a situação dessa comunidade de vizinhos e rivais. Mas as dificuldades cedo começam, quando percebe que nem a política é tão educada como supunha, nem o seu sentido de honra é tão mau como o esperado.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 topseller.suma

 penguinlivros

ISBN 9789897875892



9 789897 875892 >